

ILIJA TROJANOW

O colecionador de mundos

Tradução
Sergio Tellaroli

Copyright © 2006 by Carl Hansen Verlag München

A publicação desta obra recebeu incentivo do Projeto Litrix.de, uma iniciativa da Fundação Federal de Cultura da Alemanha, em cooperação com o Goethe-Institut e a Feira do Livro de Frankfurt.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Der Weltensammler

Capa

warrakloureiro

Preparação

Otávio Marques da Costa

Revisão

Carmen S. da Costa

Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trojanow, Ilija

O colecionador de mundos / Ilija Trojanow ; tradução Sergio Tellaroli. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Der weltensammler.

ISBN 978-85-359-1714-7

1. Ficção búlgara I. Título.

10-06452

CDD-833.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura búlgara 833.92

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Este romance é inspirado na vida e na obra de Richard Francis Burton (1821-1890). A ação que aqui se desenrola por vezes acompanha a biografia de sua juventude até nos mínimos detalhes; outras vezes, afasta-se substancialmente do que nos foi transmitido a seu respeito. Embora algumas manifestações e formulações do próprio Burton tenham sido integradas à narrativa, personagens e trama são predominantemente produto da fantasia do autor: não têm, portanto, a pretensão de corresponder à realidade biográfica. Todo ser humano é um mistério, tanto mais em se tratando de alguém que não conhecemos de fato. *O colecionador de mundos* é antes a abordagem pessoal de um mistério do que a tentativa de revelá-lo.

Sumário

A última metamorfose, 13

Índias Britânicas, 19

As histórias do escriba do criado do senhor, 21

Arábia, 185

O peregrino, os sátrapas e o selo do interrogatório, 187

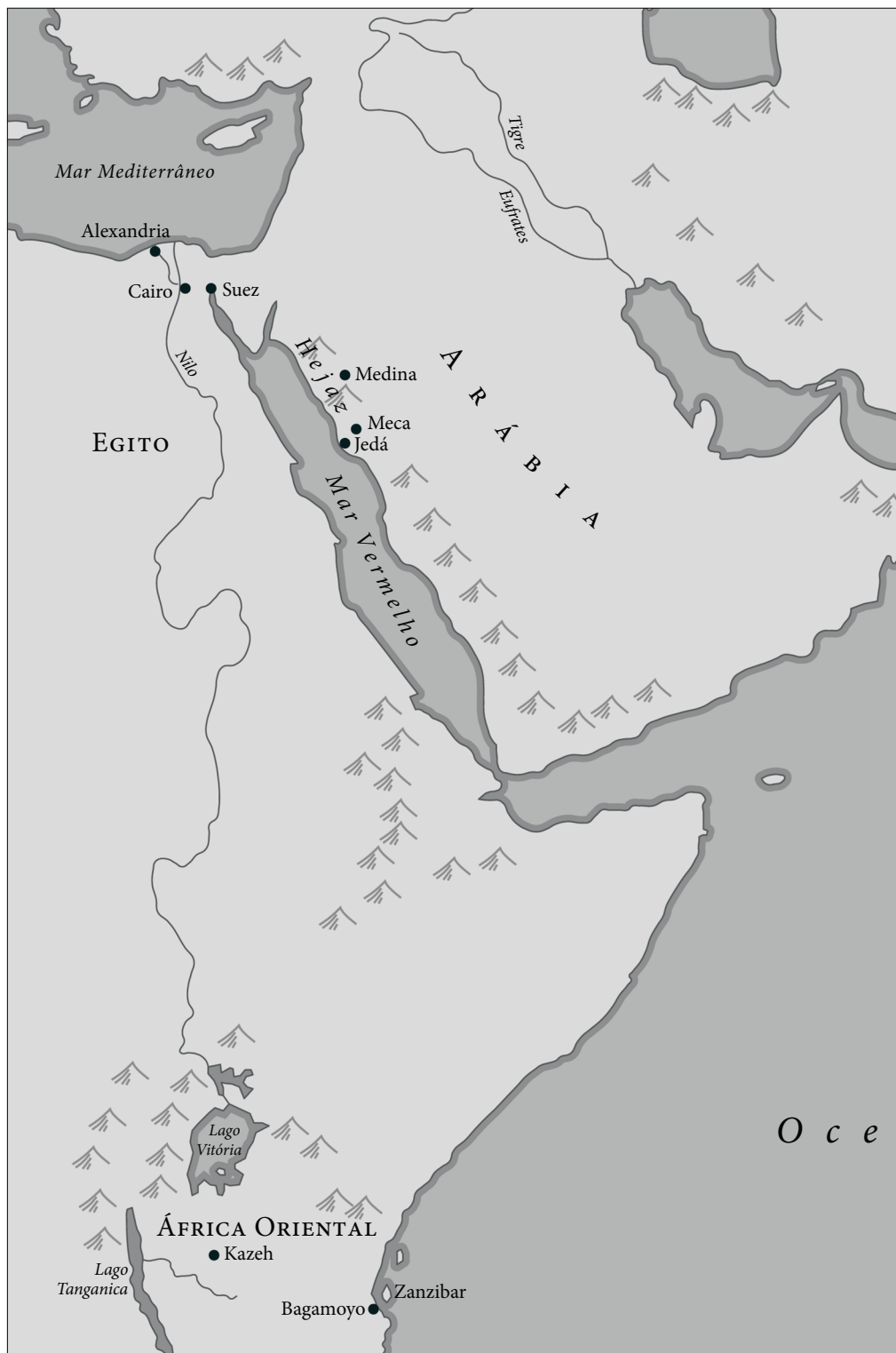
África Oriental, 281

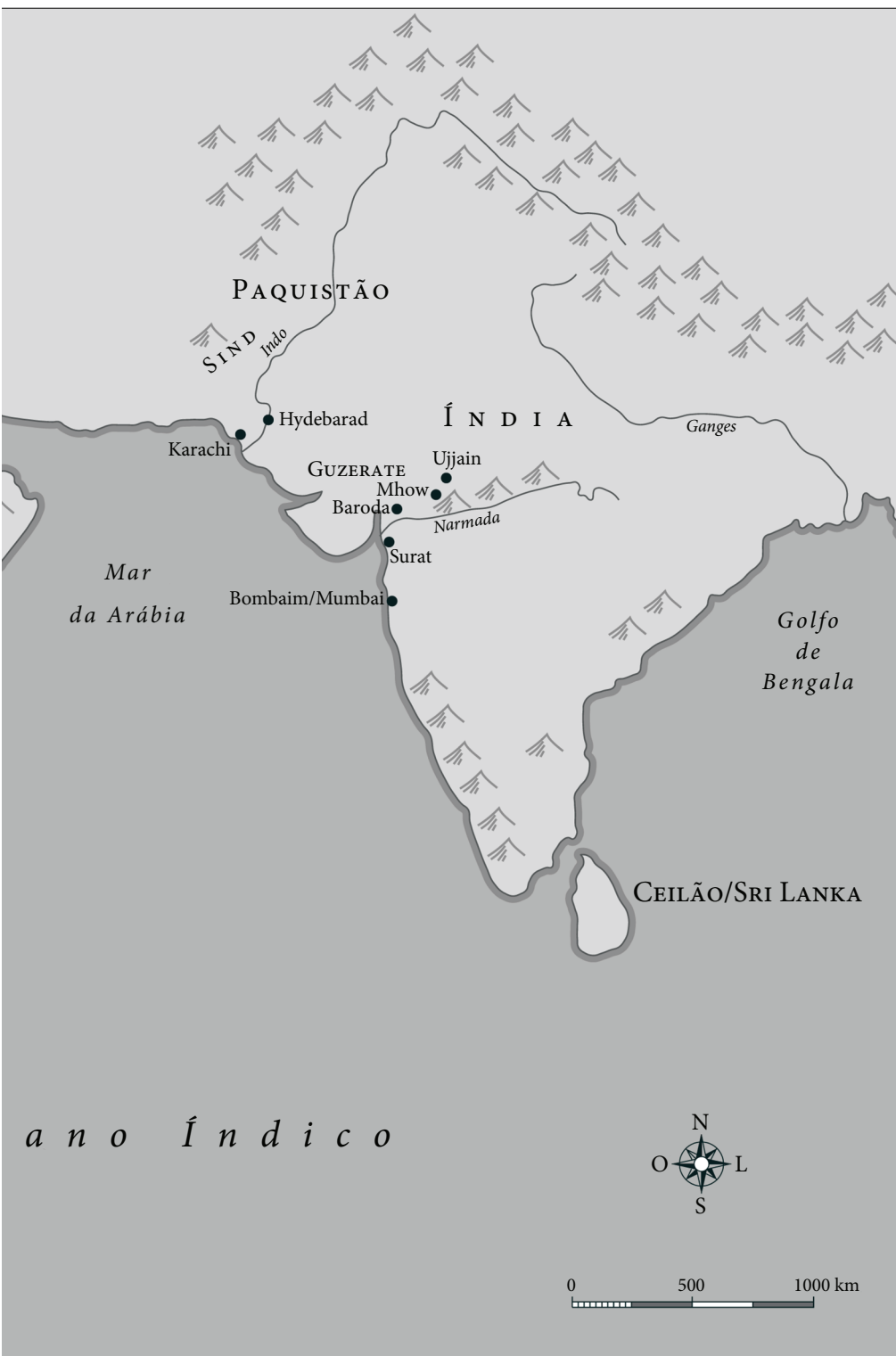
A memória borra a escrita, 283

Revelação, 399

Glossário, 411

Agradecimentos, 415





A ÚLTIMA METAMORFOSE

Ele morreu de manhãzinha, antes ainda que fosse possível distinguir um fio preto de outro, branco. As orações do padre foram silenciando; ele umedeceu os lábios e engoliu a saliva. O médico a seu lado, tão logo deixou de sentir o pulso na ponta dos dedos, não mais se moveu. Apenas a teimosia mantivera o paciente vivo; no fim, a vontade sucumbira a um coágulo. Sobre os braços cruzados do morto jazia uma mão cheia de pintas, que recuou para depositar um crucifixo no peito nu. Grande demais, pensou o médico, ostensivamente católico, tão barroco quanto as cicatrizes no tronco do falecido. A viúva estava postada defronte dele, do outro lado da cama. Não ousava olhá-la nos olhos. Ela se voltou, caminhou calmamente rumo à escrivaninha, sentou-se e começou a escrever alguma coisa. O médico viu o padre pôr no bolso o vidrinho com o óleo consagrado e tomou o gesto como um sinal para recolher também suas seringas e a bateria elétrica. Havia sido uma noite longa; ele teria de procurar nova colocação. Era mesmo uma pena, porque tinha gostado daquele paciente, gostara de morar ali, em sua *villa* sobre a cidade, bem no alto, com vista para o golfo e muito além, para o Mediterrâneo. Sentiu-se corar e, com isso, enrubescer ainda mais. Afastou-se do morto. O padre, alguns anos mais jovem que ele, olhava furtivamente pelo cômodo ao redor. Numa parede, um mapa do continente africano espremido entre

estantes de livros. A janela aberta o inquietava, assim como tudo mais o inquietava naquele momento. Os ruídos murmurantes lembraram-lhe outras noites insones. O belo e incompreensível desenho à sua esquerda, ao alcance do braço, o deixara inseguro desde o princípio. Lembrava-o de que aquele inglês vagara por terras sem Deus, só visitadas por desavisados e petulantes. Sua obstinação era notória. Dele, o padre não sabia muito mais do que isso. De novo, o bispo se desvencilhara de uma tarefa desagradável. Não era a primeira vez que o padre precisara dar a extrema-unção a um desconhecido. Use de bom-senso — essa havia sido toda a ajuda que o bispo lhe prestara. Estranho conselho. Não tivera tempo de se preparar. A esposa o pegara de surpresa. Ela o compelira, demandara o sacramento para o moribundo, como se o padre lhe devesse aquilo. Cederà à vontade dela e já se arrependia de tê-lo feito. Parada junto da porta aberta, ela entregava um envelope ao médico e lhe falava com insistência. Devia dizer alguma coisa? O padre aceitou o agradecimento, feito em tom suave, mas decidido — dizer o quê? —, e, com ele, o pedido manifesto para que partisse. Sentiu o cheiro do suor dela e permaneceu em silêncio. No vestíbulo, ela lhe estendeu o casaco e a mão. Ele girou para partir, mas não se moveu, não podia sair pela noite com tamanho peso nos ombros. Tornou a se voltar para ela de sopetão.

— *Signora...*

— Perdoe-me se não acompanho o senhor até a porta.

— Eu não devia ter feito isso. Foi um erro.

— Não!

— Preciso comunicar ao bispo.

— Era seu último desejo. O senhor tinha de atendê-lo. Me perdoe, padre. Tenho muito que fazer. Suas preocupações são infundadas. O bispo já sabe.

— A *signora* pode estar segura, mas eu não compartilho dessa segurança.

— Por favor, reze pela alma dele. É o melhor para nós todos. Até logo, padre.

Ela passou dois dias junto do leito de morte do marido, rezando, conversando, vez por outra interrompida em suas orações por aqueles que desejavam prestar ao moribundo uma última homenagem. No terceiro dia, acor-

dou a criada mais cedo que de costume. A serviçal vestiu um xale sobre a roupa de dormir. Titubeou pela escuridão lanosa da noite até o galpão onde dormia o jardineiro, que só respondeu aos chamados depois de ela golpear a porta com uma enxada. Anna, gritou ele, aconteceu algo de ruim de novo? A *signora* precisa de você, respondeu ela, e acrescentou: Agora mesmo.

— Massimo, você já cortou a lenha?

— Já, *signora*, semana passada, logo que esfriou. Temos bastante...

— Eu quero que você faça uma fogueira.

— Sim, *signora*.

— No jardim, não muito perto da casa, mas não muito longe também.

Ele ergueu uma pequena pilha de achas, como a que é feita em sua aldeia no solstício. O esforço o aqueceu um pouco. Os dedos molhados de orvalho faziam que desejasse um bom fogo. Anna saiu da casa trazendo na mão uma caneca, os cabelos desgrehados, como ramos secos. O jardineiro sentiu o cheiro do café ao apanhar a caneca da mão dela.

— Será que o fogo vai pegar?

— Contanto que não chova...

Ele se inclinou sobre a caneca, como se tentasse reconhecer alguma coisa no líquido. Bebericou.

— Quer que eu acenda?

— Não. Quem é que sabe o que ela quer. Melhor esperar.

O golfo aclarou-se, um barco de três mastros arriava a vela. Trieste acordava ao som das charretes e dos carregadores. A *signora* atravessou o gramado em um de seus vestidos volumosos e pesados.

— Acenda o fogo.

O jardineiro obedeceu. Queima, queima, noiva do sol, luze, luze, esposo da lua, sussurrou ele às primeiras chamas. Era a canção que seu pai cantava no solstício. A *signora* aproximou-se dele; foi-lhe difícil não recuar. Ela estendeu-lhe um livro.

— Jogue na fogueira!

A *signora* quase o tocara. A ordem ocultava um quê de desamparo. Ela não atiraria o livro na fogueira com as próprias mãos. Ele passou os dedos pela capa, pela lombada, pela costura, afastou-se um pouco das chamas, acariciou o couro em busca de uma lembrança, até que lhe ocorreu o que sentia: era como se seus dedos tocassem a cicatriz nas costas de seu primogênito.

— Não.

O fogo açoitava o ar em todas as direções.

— A *signora* peça a outra pessoa. Eu não posso.

— Mas vai fazer. Imediatamente!

A fogueira se endireitara. Ele não sabia o que responder a ela. A voz de Anna açoitou-lhe o ouvido.

— Não é da nossa conta. Se ela partir... a carta de recomendação, os presentes de despedida... Que diferença faz para você este livro? Dê aqui, quem se importa?

Ele não viu o livro voar rumo à fogueira, só ouviu um estalo, as brasas, as chamas a estremecer; quando viu o livro no fogo, o volume torcia-se como uma unha disforme do pé. A criada acocorou-se; no joelho nu, uma enegrecida marca de nascença. Queima o couro de camelo, uma careta crepita, inflamam-se os números das páginas, ardem os sons dos babuínos, emudecem o maratí, o guzerate, o sindi, deixando apenas garatujas a revoar feito faíscas, antes de se depositarem no chão como pó de carvão. Ele, Massimo Gotti, um jardineiro do Karst, perto de Trieste, reconhece na fogueira o falecido *signore* Burton, ainda jovem, vestindo uniforme antigo. Massimo estende os braços, chamosca os pelos nas costas das mãos, as páginas ardem, os bilhetes, os fios, os marcadores e os cabelos, os sedosos cabelos negros dela, longos cabelos negros pendendo da extremidade de uma tábua, soprados ao vento lamentoso. A morta jaz logo adiante da parede de chamas, sua pele se dissolve, a cabeça explode, ela começa a encolher, até restar dela algo que pesa menos que os belos cabelos negros compridos. O jovem oficial não sabe como ela se chama ou quem é. Não suporta mais aquele cheiro.

Richard Francis Burton se afasta depressa. Imagine só, formula ele em pensamento a primeira carta sobre a terra desconhecida: Depois de quatro meses em alto-mar, você finalmente chega e, na praia, amontoando pedaços de madeira na areia, eles queimam seus mortos, bem no meio desse buraco fétido e sujo chamado Bombaim.